

3.º DEZ 1987

Melhor que o caos

ANC 12

A Constituinte encaminha-se para resolver todas as suas pendências de forma a negociá-las caso a caso, para evitar que os parlamentares sejam arrebanhados pelos movimentos de força e de pressão. A redação, ontem, do texto do acordo entre as lideranças partidárias permitirá que a votação em plenário se faça sobre um colchão de entendimento, restituindo-se a cada parlamentar sua importância intrínseca de constituinte eleito com um mandato para representar os interesses da Nação.

Nem pelo efeito suasório, nem pelas manobras de omissão, nem mesmo pela força bruta dos argumentos do poder — ninguém e nenhum grupo detêm isoladamente uma fatia de poder na Constituinte. A composição se fez em torno de um documento básico que restituiu o princípio da maioria negociada, funcionando a Constituinte, no caso, como iniciação ao sistema parlamentarista, que tende a ser aprovado em plenário. Por esse sistema, todas as lideranças estão em permanente processo probatório de sua capacidade de aglutinar prosélitos. Ontem, foram as lideranças dos pequenos partidos que demonstraram uma nota de insatisfação com os acordos negociados entre os grandes, mas o que se há de fazer, se os pequenos estão fadados a serem pêndulos de equilíbrio entre as grandes estruturas partidárias. Na Inglaterra acontece exatamente assim, com o Partido Liberal funcionando como árbitro das vitórias, ora

dos conservadores, ora dos trabalhistas.

Entre nós o Centrão não se tornará partido, porque veio apenas preencher um espaço recusado pelos próprios constituintes, que deixaram passivamente a ala esquerda e progressista se aglutinar, formar as relatorias das subcomissões, e impor o seu jogo, pois todos, na fase pós-eleitoral, tinham vergonha de ser centro ou direita. Hoje, é um mérito, senão uma moda. Quando menos, uma defesa. Com essa visão dos fatos, o acordo se obteve no momento em que todos tiveram certeza de seus números e de seus trunfos: a esquerda e os progressistas, com sua volumosa mídia, e o centro e a direita, com seu rufar de tambores anunciando o fim próximo dos tempos democráticos, caso o "Bernardão" passasse.

Entre mortos e feridos, todos escaparam. O prolongamento dos trabalhos da Constituinte, sob o morno cantochão do acordo, irá levar as votações em plenário aos idos de março, quíça abril. Mas será válido, porque o contrário seria o confronto agudo das forças ideológicas, levando o País a uma situação de conformismo diante do lugar comum de que a eleição presidencial é uma pedra filosofal que cura todos os males. Essa pedra já foi a Constituinte — depois atirada fora. Se as eleições repetirem os conchavos, a pedra poderá voltar, desta vez devolvida pelo povo desesperançado, contra a elite agônica. Por isso é melhor o acordo que o caos.